

24 DE ABRIL: A CELEBRAÇÃO DE UM CORAÇÃO QUE ENCONTROU O SEU NORTE

Caros amigos e amigas de coração inquieto,

A celebração da Conversão de Santo Agostinho, em 24 de abril, convida a Igreja e toda a família agostiniana a uma reflexão profunda sobre o seguimento de Cristo. Para muitos, a palavra “conversão” remete a um evento estático no passado, como um raio que corta o céu da existência. Contudo, ao mergulharmos nas páginas das Confissões e revisitarmos as catequeses do Papa Bento XVI sobre o Bispo de Hipona, percebemos uma verdade mais exigente: a conversão de Agostinho não foi um ponto final, mas uma vírgula que deu novo sentido a toda a sua história.

Agostinho não se converteu apenas “do pecado para a graça”, mas de uma busca intelectual dispersa para a Verdade que é Pessoa: Jesus Cristo. Como recordava Bento XVI, esse caminho aconteceu em etapas: o despertar filosófico, a adesão à fé e, por fim, a entrega ao serviço humilde e à vida comum. Ele descobriu que a Verdade não era uma ideia a ser conquistada, mas um Amor que o havia amado primeiro. “Tarde te ameï”, escreveu ele — não como lamento, mas como reconhecimento de que Deus sempre esteve presente em sua interioridade, enquanto ele se perdia nas exterioridades.

A espiritualidade agostiniana nasce justamente dessa inquietude do coração. Celebrar esta data é, portanto, celebrar a capacidade humana de recomeçar à luz da graça. **Celebrar o 24 de abril é também celebrar a nossa própria possibilidade de recomeço.** Agostinho nos ensina que a vocação não é um plano de carreira, mas um projeto de vida tecido na amizade e na vida comunitária. Ele não caminhou sozinho rumo ao batismo: esteve acompanhado

por Adeodato, sua mãe Mônica, seu amigo Alípio e tantos outros. Assim, nos recorda que o encontro com Deus não anula os laços humanos — ao contrário, os fortalece.

O convite que ecoa nesta festa é o conhecido *“Tolle, lege”* — “toma e lê”. É um chamado a reler a própria história à luz da Palavra de Deus. A experiência de Agostinho mostra que as feridas e buscas do passado não são descartáveis; elas se tornam o terreno onde a graça pode germinar. Seu coração inquieto tornou-se morada para o Criador porque ele teve a coragem de olhar para dentro de si e acolher a luz que ali brilhava, transformando sua busca em um compromisso concreto de amor.

Que esta celebração não seja apenas uma memória histórica, mas uma provocação vocacional permanente. Se Agostinho, com toda a sua complexidade e sede de mundo, encontrou em Cristo o descanso para sua alma, também nós somos convidados a descobrir nosso lugar à luz do Evangelho. Como nos exorta o apóstolo Paulo na Carta aos Romanos: **“ revesti-vos do Senhor Jesus Cristo ”** (Rm 13,14). Que, a exemplo de nosso Pai Agostinho, as inquietações do nosso tempo se transformem em caminhos de busca, revelando que, no silêncio do coração e na vida em comum, a Verdade continua a sussurrar: “Eis que estou contigo” (cf. Mt 28, 20).

Feliz festa da conversão de nosso pai santo Agostinho!

Em Cristo, nosso Irmão.

Frei Caio Pereira, OSA

Promotor vocacional

Secretário de animação vocacional e juvenil da Província da Consolação